

RESENHA

GHIRALDELLI JR, Paulo. *Subjetividade Maquínica*. São Paulo: CEFA Editorial, 2023.

Mateus Lorenzon

Universidade de Passo Fundo - UPF

mateusmlorenzon@gmail.com

Altair Alberto Fávero

Universidade de Passo Fundo - UPF

favero@upf.br

Luiz Marcelo Darroz

Universidade de Passo Fundo - UPF

ldarroz@upf.br

A intersecção entre a infosfera e o atual estado de desenvolvimento do capitalismo é o aspecto central na obra *Subjetividade Maquínica* publicada pelo professor e filósofo Paulo Ghiraldelli Jr. (2023). Na obra de caráter ensaístico, o autor defende a tese de que ambos os campos - infosfera e capital - não podem ser analisados separadamente, pois há uma imbricação mútua. Tal associação deve-se, sobretudo, a uma subjetividade específica produzida e, ao mesmo tempo, necessária para existência e manutenção da racionalidade econômica vigente. A fim de defender a tese apresentada, o autor organiza a obra em treze capítulos, nos quais aborda temas vinculados ao contexto contemporâneo e os analisa a partir da relação infosfera e capital já enunciada anteriormente.

Previamente, a obra pode ser contextualizada como parte de uma tendência necessária na contemporaneidade de evidenciar as concepções antropológicas subjacentes à racionalidade contemporânea. Na seção introdutória ao ensaio, Ghiraldelli Jr. (2023) realiza um breve diagnóstico de época atentando-se às características da sociedade contemporânea e as suas configurações históricas. A partir de uma análise das relações de consumo e da durabilidade do objeto adquirido, o autor argumenta que a sociedade de consumo tradicional, na qual se conhecia a obsolescência programada de um determinado de um objeto, entrou em crise devido ao anseio de acumulação ilimitada do capital. Tais mudanças desencadearam um

processo de modernização, racionalização e virtualização do meio fabril, desencadeando no surgimento de um prosumidor, isto é, alguém que consome produtos sob demanda. A produção industrial nesta sociedade emergente, a partir da década de 1960, é acompanhada por um esforço de produzir ou modelar subjetividades. Com isso, há o advento de marcas que representam um ganho simbólico.

O intento de produção de uma subjetividade e a racionalização da produção fabril é acompanhado de um processo de democratização do acesso ao crédito, ampliando significativamente a capacidade de consumo das famílias, mas também levando a uma financeirização da própria vida. O autor enuncia que a subjetividade maquínica está relacionada, fundamentalmente, a um homem endividado que precisará expor-se a jornadas de trabalho prolongadas ou frágeis relações trabalhistas a fim de suprir a demanda e o pagamento de crédito anteriormente destinado ao consumo. A seção introdutória é finalizada com comentários indicativos com a aproximação do autor com uma tendência pós-lacanianiana de compreensão da formação de indivíduo, na medida em que aborda, mesmo de modo sintetizado, os processos de dessimbolização do indivíduo, a sua atomização, narcisismo e, conseqüentemente, um excesso de sofrimento psíquico que desencadeará na teatralização da vida.

Arbitrariamente, escolhe-se a frase final da introdução - “não se render em uma situação assim e manter a esperança ingênua na possibilidade política de construção de um mundo melhor é o heroísmo de nossa época” (Ghiraldelli Jr., 2023, p. 20) - como um ponto importante da obra e que, conforme destaca-se posteriormente, algo de suma importância na medida em que destruir as perspectivas de futuro parece ser parte do projeto político do neoliberalismo contemporâneo. Tal perspectiva é discutida, de modo breve, no capítulo 1 da obra, nomeada propositadamente de *Catástrofe*. Nele, Ghiraldelli Jr. (2023) aborda, em um texto de apenas uma página, discorre sobre a centralidade dos mundos distópicos na literatura e no cinema ocidental, atentando-se acerca da incapacidade de imaginar cenários utópicos ou mundos alternativos àquele marcado pelo capitalismo.

Na sequência, o autor, no capítulo “Sem imaginação”, retoma a constatação já anunciada de incapacidade de produção de utopias, mesmo para os movimentos considerados revolucionários. Neste capítulo, o autor apresenta três ideias que comportariam análises e discussões aprofundadas, o que parece não ter sido realizado por fugir do objetivo anunciado para o ensaio. A primeira se refere à força inercial do neoliberalismo e de sua aparente capacidade de criar posturas conformistas ou paralisantes. Assim, mesmo diante de

estatísticas acerca da pauperização da população, ao aumento das injustiças sociais e da necropolítica, os indivíduos são incapazes de agir propositivamente. O segundo ponto refere-se a capacidade da abordagem neoliberal produzir uma dessimbolização dos indivíduos, manifesta, por exemplo, na reconfiguração dos meios de cultura e recreação ou ainda na pobreza de linguagem. Hipotetiza-se que com isso, os indivíduos tornam-se incapazes de desenvolverem posturas dissonantes da adotada pela racionalidade contemporânea. O terceiro aspecto, ao qual o autor destina críticas, refere-se ao surgimento de movimentos identitários que, mesmo valendo-se de uma gramática emancipacionista e de esquerda, tendem a ser neoliberais, na medida que promovem discursos de um indivíduo empreendedor de si.

No terceiro capítulo, discute-se a emergência dos movimentos de direita e de que modo eles relacionam-se com os discursos neoliberais. Para o autor, o primeiro ponto de intersecção refere-se ao fato de que o desmonte do estado e de uma educação pública de qualidade privou muitos indivíduos de terem acesso ao pensamento crítico, gerando um grupo social que caracteriza-se por uma arrogância intelectual, na medida em que julga-se apto a abordar, discutir e opinar acerca de temas que não possuem conhecimento aprofundado. O autor analisa acontecimentos políticos contemporâneos no contexto americano, identificando que a direita política vale-se de um niilismo como plataforma política. O sucesso discursivo e as vitórias nas urnas poderiam ser explicadas pela capacidade de mobilização do ressentimento e utilizam-se do cinismo para naturalizar e sedimentar no senso comum concepções simplórias acerca da sociedade.

A Pós-verdade, conceito essencial para compreender os regimes de verdade no contexto contemporâneo, torna-se uma expressão basilar no quarto capítulo da obra. Ghiraldelli Jr. (2023) apresenta uma diferença conceitual entre a Pós-verdade e as *Fake News*, afirmando que a pós-verdade assenta-se em um pressuposto de confiabilidade. Indo ao encontro das reflexões do filósofo germânico-coreano Byung-Chul Han, o filósofo brasileiro afirma que a verdade e o compartilhamento dos pressupostos de confiabilidade são elementos necessários para a manutenção da coesão social. Este critério avalizador da verdade se desfaz na medida em que a infosfera torna-se um espaço de circulação fragmentada de informações, exigindo que o homem cotidiano debruce-se sobre esse conjunto atomizado de dados para compreender a verdade. No entanto, o autor entende que em um mundo marcado pelo dataísmo, o critério utilizado pelo homem comum para compreender a veracidade de uma

informação nem sempre contempla a argumentação, sendo muitas vezes caracterizado pela irrazoabilidade.

Para o autor, a produtividade que caracteriza o empreendedor de si mesmo é que faz com que ele, na medida que busque se informar, utilize uma ética da praticidade atentando-se às informações que atendem ao seu anseio psíquico ou que são compartilhadas dentro de um segmento social. Esse movimento tende a se acentuar na medida em que uma vez que os algoritmos reconhecem as tendências individuais, eles tendem a oferecer conteúdos específicos e que satisfaçam as necessidades e interesses. Com isso, criam-se bolhas virtuais que contêm “ideias estapafúrdias, sem crítica, em um regime de mútua alimentação da estupidez” (Ghiraldelli Jr., 2023, p. 42). Em última instância, se produz uma dissociação com a realidade, na qual os pressupostos compartilhados em comunidades específicas do *ciberespaço*, são tomados como correspondências da realidade.

Essa tendência de algoritmização das informações, nas quais os dados são apresentados de modo a satisfazer os dados não decorrem de uma otimização das tecnologias, mas sim da sua intersecção com a racionalidade neoliberal. Essa hipótese é subjacente ao conceito de subjetividade maquínica apresentado pelo autor no quinto capítulo. Introdutoriamente, o autor afirma que as mudanças nos artefatos de comunicação passam a produzir uma *nova alma* (p. 45) fundida à infosfera. Essa fusão é acompanhada pela difusão de símbolos sem que haja um correspondente aumento dos significados. Ao contrário, há um empobrecimento da tarefa hermenêutica, na medida que a interpretação que ocorre em ações intersubjetivas não ocorre na relação com a máquina, tendo em vista a associação simbólica automatizada. A fim de ilustrar tal suposição, o autor aborda a *internet das coisas*, na qual objetos cotidianos realizam intercâmbio de dados, a fim de adequarem-se às expectativas e anseios de seus usuários. O autor defende que nessa forma de comunicação, o diálogo é inexistente, sendo substituído por um conjunto de ordenamentos. Para Ghiraldelli Jr. (2023) os termos marxistas de fetichismo e reificação são pertinentes para análise e discussão de esse estágio da sociedade marcado pela subserviência do vivo à máquina.

No capítulo 6, a análise volta-se à relação existente entre a subjetividade maquínica e a direita política. Para tanto, o autor parte de uma hipótese que a personalidade conservadora ou os sujeitos ultraconservadores tendem a focalizar seus interesses em um conjunto restrito de temas. Ao utilizar a infosfera, há uma tendência de reiteração destas crenças em decorrência delas serem retroalimentadas com perspectivas similares ou que corroboram. No entanto, este processo, em vez de desencadear em uma complexificação ou resultar em um intento de

falseabilização, produz uma comunicação baseada em um simplismo linguístico. O nicho comunicacional estabelecido na infosfera torna-se um dos poucos espaços de socialização, na qual, além da dissonância cognitiva, leva a uma percepção que se as informações ali compartilhadas não são difundidas ao grande público, há uma certa exclusividade e um caráter especial que justifica a sua recepção. Assim, a infosfera produz um sujeito que tende a minimizar a sua capacidade reflexiva e, em contrapartida, aumentar o dogmatismo em relação aos preceitos compartilhados no pequeno grupo social.

No sétimo capítulo, há um retorno a um aspecto social do capitalismo abordando a financeirização do mundo cotidiano. O questionamento que parece estar subjacente a este capítulo é “O que fez com a subjetividade maquínica se tornasse uma força potencial no contexto contemporâneo?”. Mesmo sem empregar o conceito de psicométrica, percebe-se que o autor faz referência a ciência de análise métrica de dados, identificando que ela seja uma estratégia importante para a constituição da subjetividade contemporânea. Para tanto, a uma apresentação dos três momentos principais nos processos de constituição da infosfera, isto é, a requisição de uso civil de uma criação militar e a consequente apropriação dessa tecnologia por um capitalismo de plataforma. A segunda etapa, consiste na construção e difusão de uma estrutura civil, na qual surgiram os grandes conglomerados de gerenciamento de informações. Por fim, a terceira etapa consiste na plataformização do capitalismo, em que empresas possam fazer uso da infosfera para apropriar-se do excedente produzido pela sociedade (Ghiraldelli Jr., 2023).

Percebe-se que tais discussões prosseguem no capítulo 8, na medida que o autor discorre acerca das reconfigurações no mundo do trabalho com advento do pós-fordismo. O autor discorre acerca da inteligência geral possível na infosfera. No entanto, tal possibilidade não é ilimitada, pois, paradoxalmente, há um intento de torná-la lucrativa. Neste capítulo, há um ponto que merece ser retomado e, posteriormente, abordado de modo investigativo: as relações dialéticas liberdade/controle, cooperativismo/atomização que são marcas do mundo digital. O autor finaliza esta parte do ensaio, retomando o conceito de financeirização do capitalismo, definindo-o, em consonância com Ladislau Dowbor, com o movimento ou estratégias de apropriação do capital produzido socialmente por meio de estratégias improdutivas, tais como especulação financeira e juros.

Se até então o autor concentrava-se em realizar um diagnóstico de época, adotando uma postura pessimista em relação ao futuro, no capítulo “Esperança e desesperança”, há um intento de apresentar alguma possibilidade de mudar a perspectiva que se horizontaliza. Para

tanto, apresenta-se duas perspectivas distintas de analisar a problemática. A primeira, do sociólogo Nicola Negri, caracteriza-se por uma perspectiva otimista em relação às possibilidades da infosfera ser seminal para movimentos revolucionários. Em contrapartida, Ghiraldelli Jr. (2023) apresenta as discussões de Byung Chul-Han marcadas, especialmente, por uma postura negativa, tendo em vista que para o filósofo sul-coreano, o neoliberalismo consiste em uma racionalidade estável, na qual gera-se o empreendedor de si, incapaz de rebelar-se, pois adotaria uma atitude de ressentimento e não uma ânsia revolucionária-transformadora. A liberdade poderia ser tomada como antídoto da mudança.

Há uma mudança na ênfase dada ao texto a partir do capítulo 10, na qual identifica-se uma postura de análise antropológica. Este capítulo, intitulado de “Infosfera e descorporificação” volta-se para discussão e lança luz acerca do processo de virtualização dos corpos. Para tanto, o autor vale-se da expressão geração glabra, a fim de designar um momento histórico no qual o corpo torna-se imagem deserotizada. As conexões intersubjetivas tornam-se disjuntivas, isto é, ocorridas em modo visual e auditivo, havendo uma privação do sensorial. As possibilidades de comunicação na infosfera tornam-se geradoras de uma solidão que exige ser vista. Subjacente a perspectiva do autor, há uma abordagem psicanalítica, que revela-se no momento que o filósofo adota uma postura de identificar o crescimento da histeria, das hipóteses depressivas, do suicídio ou do intento de desaparecer de si.

A questão antropológica é retomada no capítulo “A era do Seja você mesmo”, no qual o autor discorre acerca da interação entre o individualismo contemporâneo e a teatralização de si. Nele o autor defende a hipótese da inflação acerca da autenticidade do ser, na qual valoriza-se exacerbadamente os direitos individuais e a soberania. O ensaísta propõem uma comparação com a estrutura mercantil, observando que do mesmo fato que a consolidação do neoliberalismo exigiu que a moeda torna-se autorreferencial, assiste um estágio que há um estímulo que o indivíduo torne-se sua própria referência. Pode-se inferir que há um esquecimento antropológico, na qual o homem natural rousseauiano ou o homem histórico marxista é substituído por um homem autotélico e capaz de auto-definir-se. Mesmo que não seja parte do empreendimento de Ghiraldelli Jr. (2023), tal constatação reverbera significativamente no modo de pensar a educação, tendo em vista que os esforços educativos são avalizadores da coesão social e lastreadores da democracia. Mas, para que isso ocorra, é fundamental a existência de uma renúncia às demandas individuais em busca de um denominador comum. Pressupõe-se que a inflação do relativismo subjetivo tende impactar o

campo educacional, na medida em que levará a educação a um estado de deriva antropológica.

O indivíduo autorreferente busca constantemente a satisfação pessoal. No capítulo 12, o autor desenvolve a tese que a capacidade de definir-se por si mesmo está relacionada implicitamente com a liberdade de empreender uma busca ilimitada pelo desejo. Para tanto, o Ghiraldelli Jr. (2023) argumenta que a infosfera colaborou para a liberação de interditos, na medida em que permitiu o aplainamento das hierarquias, bem como a difusão de uma ética da emotividade, na qual busca-se explorar o que sente-se e o que deseja-se. Os influenciadores tornam-se um exemplo expoente de tal constatação, na medida em que são, sobretudo, exibicionistas que buscam expressar a autenticidade do seu modo de ser.

O capítulo que antecede as considerações finais, refere-se ao ato de exhibir-se a si próprio. O ato de expor a intimidade, conforme Ghiraldelli Jr. (2023), não fundamenta-se na importância do outro que irá consumi-la, mas sim no estabelecimento da autorreferência. Assim, pode-se dizer que o ato de exhibir-se na infosfera refere-se a um ato de expor performance, na qual espera-se que o outro referente às percepções que o exibicionista tem de si próprio, isto é, seja um espelho. O autor conclui a sua obra afirmando que há uma relação entre a infosfera e o culto ao narcisismo. Ghiraldelli Jr. (2023) esboça ainda um caminho de resistência por meio de redes de trabalho solidárias que, mesmo contingentes, podem permitir a emergência de subjetividades ou modos de ser contra hegemônicos.

O mérito do ensaio de Ghiraldelli Jr. (2023) refere-se ao intento de estabelecer, a partir de uma gama diversificada de autores, pontos de intersecção entre dois vetores característicos da sociedade contemporânea: a infosfera e o capitalismo. Mesmo diante de dois fenômenos, o autor consegue articulá-los de modo satisfatório, empregando para tanto o conceito de subjetividade maquínica. Nota-se que o filósofo infere-se que a inter-relação entre capitalismo e o mundo digital decorre de dois processos distintos. O primeiro seria devido ao intento totalizante do neoliberalismo de colonizar e tornar toda a realidade monetizável. Em complemento a isso, haveria a questão antropológica, isto é, de produção de uma nova subjetividade adequada ao contexto contemporâneo.

Entende-se que é fundamental esse esforço analítico do conceito de homem subjacente ao neoliberalismo ou capitalismo contemporâneo, na medida que, sob a pretensa liberdade e liberação dos interditos do desejo, a ausência de uma norma e do indivíduo autorreferenciado há sempre iminente o risco da barbárie. Assim, uma avaliação criteriosa da obra permite identificar uma lacuna que precisa tornar-se objeto de debate e análise em círculos

acadêmicos e educacionais: De que modo a subjetividade maquínica reverbera na constituição da sociedade? Os autores da Escola de Frankfurt, em especial Theodor Adorno, somando-se aos psicanalistas pós-lacanianos e os escritos de Hannah Arendt permitem hipotetizar que o sujeito atomizado, exibicionista e que não relaciona-se com um grande Outro, tem tendências a encontrar-se em um permanente estado de ressentimento e/ou sofrimento psíquico. Esse diagnóstico social comporta o risco da constituição de hordas gregárias e flertam permanentemente com um estágio de barbárie.

Há no ensaio de Ghiraldelli Jr. (2023) um intento de adotar uma visão otimista e propositiva em relação ao futuro. No entanto, no decorrer do livro, percebe-se, gradualmente, uma perspectiva pessimista. Os anúncios esperançosos são sempre tênues e, mesmo nas considerações finais, enfatiza-se somente a possibilidade da restauração de laços efêmeros de solidariedade. A análise contemporânea acerca do Neoliberalismo parece compartilhar com essa dificuldade/realismo em relação a um futuro utópico e isto, torna-se um dos principais desafios contemporâneos, tendo em vista que o capitalismo alimenta-se dessa pobreza imaginária. A ausência de alternativas ou movimentos de resistência permitirá sempre que a subjetividade maquínica seja intensificada e reproduzida.